REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 233

11 DE JUNHO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando eu era pequeno — porque tambem já fui pequeno, ha muitos annos, é verdade, mas fui — havia duas coisas porque eu me morria — o fogo de vistas de madame Tournour, e as magicas do sr. Oliveira.

N'esse tempo eu morava na defunta praça da Alegria, paredes meias com a casa d'essa madame que tinha então grande celebridade pelas suas invenções pyrotechnicas, e a dois passos do fallecido theatro das Variedades, onde o Izidoro fazia todas as noites rebentar a rir o publico com as suas partidas de escudeiro Abdalah.

Madame Tournour gostava muito de mim, e sabendo da minha adoração pelas suas *serpentes correndo atraz da borboleta*, brindou-me com uma entrada permanente nas trincheiras da praça do Salitre, d'essa praça a que nem mesmo a sua transformação em novo circo de Price livrou de ser sepultada nos alicerces da Avenida da Liberdade.

O domingo era para mim um dia de festança extraordinaria. Logo ao accordar ouvia o estalido alegre dos morteiros que annunciavam o espectaculo do circo de madame Tournour. Eu, mal almoçava, mettia-me logo na cosinha a rogar, a supplicar, a implorar á cosinheira que fizesse o jantar depressa. Ás tres horas, graças á minha tenacidade implacavel, a sopa estava na mesa, e ás quatro horas sentava-me doido de alegria com o meu pobre pae, nas trincheiras da Praça, n'esse tempo já de ex-D. José Serrate, para assistir ao espectaculo.

E como eu me divertia n'esse espectaculo. A gymnastica nunca me mereceu lá grande sympathia; os trabalhos dos trapesios, das argolas, os saltos mortaes, a *perche*, tudo isso me massava atrozmente; parecia-me que as cambalhotas não tinham fim, que as pelotiquices não acabavam nunca.

Para matar o tempo ia-me revendo no fogo de artificio que estava deitado a um canto da praça, muito branco, todo cheio de promessas.

Finalmente, os acrobatas iam-se embora, e vinham as pantomimas. Isso sim, isso já era outra coisa; interessava-me pelos amores da filha do velho, que era sempre uma sr.ª Leopoldina, que eu achava deslumbrante de formosura com as suas saias de gaze esburacado, e com as suas meias de malha enxovalhadas, e palpitava de enthusiasmo quando, nas pantomimas historicas, via entrar triumphante em Palermo, depois de rude peleja, o valente Garibaldi na pessoa do alfaiate Moraes, que ainda hoje faz as delicias dos *dilletanti* de S. Carlos na *Favorita* e no *Roberto do Diabo*, em que elle rouba o *successo* aos mais afamados cantores, com a sua extraordinaria mimica.

As pantomimas acabavam sempre ao lusco-fusco, e então começava o fogo de artificio, por uma salva de morteiros, e as *borboletas fugiam das serpentes*, e a melancia de fogo abria-se em chuva de ouro, e eu retirava então para minha casa, cansado mas não saciado, e pensando já com delicia e com anciedade no domingo que estava para vir.

E por muito tempo ignorei o manancial de divertimentos que estava mesmo pegado á praça do Salitre e que se chamava Theatro das Variedades.

Um dia porém, uma tia minha appareceu em minha casa, e contou que tivera n'essa noite um grande susto.

— O que foi? perguntaram.

— Esta noite, já de madrugada, accordei e ouvi de repente meu filho, o Marcos — o Marcos Lobato, o grave sollicitador encartado que hoje passa a vida mettido na Boa Hora a ganhar causas para os seus constituintes — a rir ás gargalhadas. Imaginem como eu fiquei! Lá endoideceu o pequeno, foi a minha primeira idéa. Corri ao quarto d'elle...

— E o que era?

— Estava de luz accesa a ler a *Loteria do Diabo*.

— E era a *Loteria do Diabo* que o fazia rir assim?

— Era! Sempre apanhei um susto!

Meu pae teve curiosidade de ir ver a tal *Loteria do Diabo* que fazia rir tanto o Marcos, e á noite fomos todos para uma *angra* do theatro das Variedades.

FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI (Segundo uma photographia de Fillon)

Eu ao principio apanhei os meus sustos quando vi apparecer o Sataniel: mas o Isidoro fez-me rir tanto no papel de escudeiro, que eu perdi todo o medo que tinha do diabo e comecei a rir, a rir, como o Marcos.

E d'ahi por diante comecei a comprehender que havia uma coisa, que se não era melhor que o fogo de vistas, pelo menos era tão bom como elle... a magica!

E fil-o comprehender tragicamente ao meu pae, que não teve remedio senão ver vinte ou trinta vezes a *Loteria do Diabo*, para me fazer a vontade.

E no fim de tudo o meu pae teve um grande bom senso em me fazer a vontade: usou do mesmo systema de que usam os merceeiros para com os marçanos, para evitar o roubo do assucar. Deixou-me atafulhar voluntariamente n'uma indigestão de magicas.

E eu fiquei curado, senão radicalmente, pelo menos para um bom par de annos.

Durante muito tempo em se me falando em magicas eu deitava a fugir espavorido, e assim nunca vi as magicas mais celebres, a *Pera de Satanaz* de Eduardo Garrido, a *Ave do Paraiso*, a *Pomba dos ovos d'ouro*, a *Lampada maravilhosa*...

Mais tarde quando com o tempo me passou o enjôo... já não encontrei senão o *Cofre dos Encantos*.

Mas apesar d'isso o gosto pela magica voltou-me e recomecei a divertir-me immenso com essas peças disparatadas em que ha alçapões por onde surgem diabos, commodas que se transformam em carros mythologicos, fadas boas que fazem longos discursos, amantes infelizes que passam as passas do Algarve para conseguirem unir-se na apotheose final á luz dos fogos de bengala.

Infelizmente desenjoei-me tarde, exactamente na occasião em que a magica — não sei por que — era banida completamente do reportorio de todos os theatros.

E eu procurei a magica por toda a parte, mas em vão. Dramas terriveis, terrivelmente representados, operettas indecentes, indecentemente cantadas, e a respeito de magica nem meia.

Foi por isto que corri com verdadeiro alvoroço ao theatro dos Recreios, na noite de tres d'este mez em que os cartazes annunciavam em grandes lettras: *O Diamante Vermelho*, magica em 3 actos e 16 quadros.

O theatro estava completamente cheio, não sei se por toda aquella gente ter a mesma fome de magica que me devorava, se por sympathia para com a graciosa actriz Sophia d'Oliveira que n'essa noite fazia o seu beneficio.

Fosse como fosse o theatro estava cheio, e a peça foi muito applaudida, apesar das mutações correrem com muita irregularidade e do *Diamante Vermelho* não ser precisamente uma obra prima no genero.

Mas o *Diamante Vermelho* agradou exactamente por ser magica. Não foi a peça que triumphou, foi o genero, e ainda bem porque póde muito bem ser que esse triumpho obrigue os theatros de Lisboa a levantarem a excommunhão que injustamente lançaram sobre as magicas.

O Diamante Vermelho é uma magica como todas as magicas. O dialogo é feito exactamente pelos moldes das antigas *féeries*, baseado exclusivamente na graça do *calembourg* uma graça que teve o seu tempo aureo, mas que passou de ha muito.

O enredo é o mesmo enredo permanente de magica, uma fada boa e uma fada má puchando cada uma para o seu lado o heroe da graça.

Esses puchões constituem o interesse da peça, e no fim dos 15 quadros, a fada boa dá uma sacudidella mais forte, atira com a fada má para casa do diabo, e com o protogonista para o fumo da apotheose.

No *Diamante Vermelho* o principio do bem e o principio do mal, obedecendo a uma nova theogonia, são duas entidades infernaes.

A habilidade de urdir n'estas magicas consiste, na invenção dos embaraços que o protogonista tem que vencer, e nas regiões mais ou menos phantasticas, mais ou menos curiosas que elle atravessa para chegar ao seu fim, e ao fim da peça.

Sob este ponto de vista o *Diamante Vermelho* tem dois quadros bem achados: — o do reino das horas e o do reino das aves.

Estes dois quadros porém são tratados, como o resto da peça, á antiga, e isto prejudica-os muito, porque apesar de muito bem feitos n'esse genero de trocadilho não dão o effeito que dariam fatalmente tratados com mais originalidade, mais novidade, com o humorismo moderno, muito differente da velha graça do *calembourg*.

A magica tem vistas muito boas, pintadas pelo distincto scenographo Machado, está muito rasoalmente posta em scena, é desempenhada regularmente e está fazendo *successo*.

O *Colyseu dos Recreios* fechou.

Faz falta, porque era uma das poucas diversões que Lisboa tinha n'estas quentes noites de verão, em que a semsaboria boceja ao anoitecer por essas ruas.

Frequentámos muito pouco o *Colyseu*, pela simples rasão de não morrermos d'amor pelo genero de espectaculos que a companhia dava.

Operas italianas muito nossas conhecidas e mal cantadas é para nós espectaculo pouco convidativo.

No seu genero a companhia era muito rasoavel, era boa mesmo, d'accordo, mas era uma companhia lyrica de 2.ª ordem, e francamente se o *Trovador*, a *Traviata*, o *Rigoleto*, já nos cansam soffrivelmente, cantadas mesmo por grandes artistas, não nos attraem inteiramente nada cantadas por artistas mediocres.

Parece-nos que o sr. Freitas Brito, prestar-noshia um grande serviço trazendo-nos em vez d'uma companhia secundaria d'opera lyrica, uma companhia d'opera comica italiana, d'opera comica franceza, ou de zarzuella.

Morreu em Lisboa um padre que teve muita celebridade, e que era realmente um sacerdote illustre pelo seu talento e pela sua elevada illustração, o padre Carlos Rademaker.

Filho d'italiano o padre Carlos nasceu em Lisboa em 1828, e fundou em 1860 uma escola de rapazes em Campolide, hoje collegio florescente.

Foi um missionario eloquente, muito ultramontano e isso levantou-lhe grandes embaraços, originou grandes conflictos e pôl-o em evidencia.

O padre Rademaker, era um poeta satyrico de primeira ordem, segundo nos dizem, e deixou muitas poesias que naturalmente morrerão no *manuscripto*.

Paz á sua alma.

Ao vêr as provas d'esta chronica temos já a accrescentar-lhe outra noticia triste; a da morte d'um medico illustre, d'um dos operadores mais notaveis que tem tido Portugal — o dr. Alves Branco. Falaremos do chorado morto no proximo numero.

Gervasio Lobato.

FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI

O logar de honra do Occidente, pertence hoje de direito ao benemerito agricultor o sr. Francisco Simões Margiochi. Vae passado o tempo em que o discurso academico, a biographia e o necrologio, não dispensavam a alliança da genealogia. Saber de que tronco brotára o ramo, era estudo que não dispensava, quem de varões prestantes escrevia, como se o acaso do nascimento lhes aureolasse o genial merecimento, ou, por obscuro, lhes empanasse o brilho dos proprios feitos.

Hoje, que cada qual é aquilatado pelas acções que pratica, a genealogia deixou de ser fundamento das monographias, e tanto presta descender de proceres, como em humilde tegurio haver nascido. Com a garantia do direito ao trabalho transformaram-se as sociedades modernas. Com a egualdade perante a lei, os pergaminhos deixaram de ser um obstaculo aos progressos da humanidade.

Quem lêr as breves linhas que ficam escriptas, cuidará talvez que de caso pensado as lançámos ao papel, para com ellas escudarmos, ou melhor diremos, ampliarmos a curta, mas já agora utilissima vida do nosso biographado. Engana-se quem assim pensar. Não é de um honrado plebeu que se nobilitou pelo trabalho, que vamos escrever; é, pelo contrario, de um homem que se não deixou adormecer sobre as herdadas honrarias, que vamos tratar; e ninguem com verdade poderá negar que, quem accrescenta mais uma pagina brilhante á historia da propria familia, não seja tanto, senão mais digno de louvor, do que o obreiro ainda obscuro, que busca e consegue tornar-se chefe de uma nova dymnastia.

Vae a volver um seculo que a familia do sr. Francisco Simões Margiochi é conhecida e respeitada no paiz Não foram as minas do Brazil que a locupletaram, menos ainda, o monopolio dos tabacos que a puzeram em evidencia. Os methodos conhecidos e banaes, que levam a ajustar nos hombros os arminhos senatoriaes, foram alheios aos processos seguidos pelos ascendentes do sr. Margiochi para porem em evidencia a sua valia pessoal. O estudo e o trabalho foram as duas unicas alavancas, o segredo exclusivo da prosperidade d'esta familia. No avô do nosso biographado começa a série dos benemeritos que honraram as sciencias, e com ellas a terra em que nasceram. Aos que exigem datas precisas, como escudo da veracidade dos factos, diremos que é de 1798 que o appellido Margiochi é conhecido, na pessoa do primeiro individuo d'esta familia, que foi engenheiro, lente da Academia da Marinha, membro da Academia das Sciencias, par do reino, ministro, notabilissimo mathematico, e um dos mais distinctos ornamentos das Constituintes de 1820.

A eloquencia da ennumeração dos cargos publicos exercidos por este patriarcha da familia, absolve-nos do erro voluntario de lhe havermos dado um seculo de existencia, quando a verdade é que faltam ainda quatorze annos para satisfazer plenamente á verdade chronologica. Esta retractação publica, vae sobscriptada aos que dos nobiliarios, e não dos archivos das academias, quizerem saccar as provas do incontestavel merecimento scientifico do triumphante refutador das theorias do celebre mathematico Wronski, do eloquente e erudito deputado ás Constituintes de 1820.

O pae do nosso biographado, Francisco Simões Margiochi, foi doutor em mathematica, conselheiro do Tribunal de Contas, e tambem par do reino, por direito hereditario. Da inteireza do seu caracter dão testemunho todos quantos o conheceram; como prestam fé a sua illustração os diplomas academicos que recebeu, e o subido encargo publico de conselheiro do Tribunal de Contas, a que a sua reconhecida competencia o elevou.

Fazer justiça aos mortos, é bem mais facil do que falar desassombradamente dos vivos.

A pequenez da condição humana sente-se mais desafogada como julgadora dos que já a não affrontam, do que como juiz d'aquelles com quem póde encontrar-se em conflicto, e natural pendencia de nobre estimulo, ou ainda, não raro, em competencia de mesquinhas invejas. Que o vivo deixe desobstruido a outros o caminho das mercês honorificas, que embriagam as mediocridades, e não sollicite encartar-se em pingues prebendas, ainda assim a idéa de um possivel competidor amedronta os espiritos dos que pretendem, como Cesar, chegar, vêr e vencer, e d'ahi um retraimento, que não é a justiça; ou uma parcimonia de louvor que não chega a ter a inteireza de julgamento.

Sobeja-nos os elementos para escrever a biographia completa do sr. Francisco Simões Margiochi, em diversos jornaes se encontram elles dispersos (1) mas escasseia-nos o espaço, e por isso seremos rapidos, quanto possivel.

O sr. Francisco Simões Margiochi nasceu a 22 de dezembro de 1848. É filho de Francisco Simões Margiochi, e de D. Maria Henriqueta Villas. Foi educado no collegio allemão Roeder, onde, entre outros, teve por condiscipulos os srs. Jayme Batalha Reis, distincto agronomo, professor do Instituto Agricola, e habil escriptor; e a Magalhães Lima, actual redactor do *Seculo*, jornal republicano.

A darmos credito, como devemos, a este ultimo, foi o sr. Francisco Simões Margiochi o mais sisudo moço do collegio; dado a leituras uteis e instructivas, e applicando-se com particular devoção ao estudo das linguas vivas. Foi, ainda no collegio, que o sr. Margiochi se arvorou redactor de um pequeno semanario, *Ensaios Litterarios*, que Innocencio da Silva menciona no seu *Diccionario Bibliographico*. Tinha então o nosso biographado apenas 15 annos de edade, o que demonstra o pendor natural do seu espirito para o trabalho, denuncia precoce de uma vida nobremente consagrada a mais serios estudos.

Consultando as suas naturaes aptidões, e como que prevendo que mais tarde seria um abastado proprietario rural, matriculou-se o sr. Margiochi no Instituto geral d'agricultura, defendendo em 1870 a these que corre impressa, *A luzerna, sua cultura e vantagens*; publicando posteriormente notaveis artigos no *Jornal do Commercio*, todos sobre assumptos agricolas, alguns d'elles de polemica com outros agricultores de boa nota, sem nunca se arredar no calor da refrega da mais exemplar cortezia, como quem só curava de defender principios que tinha por verdadeiros, e não da vangloria de triumphador.

Ainda no vigor da edade, o sr. Margiochi conta hoje apenas 37 annos, a sua vida publica e particular tem sido um modelo de honrosas affirmações de bem entendido patriotismo, e de não menos louvaveis abstenções em tirar as consequencias legitimas dos seus prestantes e modestos serviços.

Como que isolado no meio do remoinho das paixões irritantes dos partidos, nunca se tem offerecido, nem negado, a compartilhar as responsabilidades que a eleição popular lhe conferiu como

(1) Vidè: — *Commercio e Industria*, n.º 3, 1880, *Diario Illustrado*, de 17 de novembro de 1884, e 10 de maio de 1885, e a *Monarchia Portugueza*, de 6 do mesmo mez e anno.

vereador municipal; nem as que porventura lhe poderiam resultar como secretario dos asylos da infancia desvalida de Lisboa.

No primeiro d'estes encargos robusteceu o sr. Margiochi os creditos já adquiridos, empenhando-se em ampliar, ou em implantar, os serviços do pelouro que mais directamente fôra confiado á sua sollicitude, creando novos jardins publicos, indicando e estimulando a plantação de arbustos de affastadas regiões, subsidiando as corridas de cavallos, finalmente arrostando briosamente com a opinião publica, propondo a abolição das touradas, espectaculo que contrasta com a proverbial mansidão do nosso caracter nacional. Durante a sua gerencia municipal organisou ainda o sr. Margiochi uma bibliotheca especial de jardinagem, com as obras dos melhores auctores modernos da Europa, e muito mais longe iria a sua illustrada iniciativa, se negocios de vida particular o não houvessem forçado a abandonar um serviço tanto do seu gosto, como de sua innegavel competencia.

Secretario das casas de asylo da infancia desvalida, vae para quinze annos que o nosso biographado presta o desinteressado auxilio da sua intelligencia e actividade a bem das creancinhas que a sorte privou no berço dos carinhos maternos, e não é este o menor elogio que se deve fazer a quem, do tempo, que tão contado lhe anda, cerceia o de que carecem os abandonados da fortuna.

Sem pronunciados enthusiasmos politicos, o amanho da terra, e os cuidados que ella lhe merece, arrefeceram-lhe os impulsos da polemica, o sr. Margiochi é, não obstante, devidamente considerado na camára dos pares, a que pertence, e faz parte de algumas das suas mais importantes commissões, havendo, por vezes, sido relator de algumas d'ellas.

Esboçámos em delineamentos geraes as feições do caracter, e das aptidões do nosso biographado, deixando para o fim, como convinha, apresental-o como agricultador, dando largas ás suas aspirações de homem pratico, applicando intelligentemente os seus haveres em melhorar todos os processos agricolas; sabendo, porque lh'o ensinaram os livros e o estudo, que não é dinheiro perdido o que se emprega em beneficiar a terra, nem trabalho improficuo o que insiste em vencer a rotina, desvendando os olhos aos incredulos, e acirrando a boa vontade dos crentes.

N'este notabilissimo empenho, que o não ha mais elevado, nem mais patriotico, emprega o sr. Margiochi toda a solidez do seu talento, toda a força moral que nasce de um convencimento profundo, e até, para tudo dar, a quem tão generosamente lhe retribue, se não poupa aos encommodos physicos, a que o podiam forrar as especiaes circumstancias em que se encontra, com relação á quasi totalidade dos demais lavradores do paiz.

Assim se explica, e só assim se comprehende, como sr. Margiochi, que pela sua propria confissão, *se não julgava habilitado a concorrer vantajosamente* á exposição agricola, votada pela junta geral do districto de Lisboa, para 1883, exagerada modestia de quem sabe bem avaliar o que significam estes civilisadores certamens, que se chamam exposições, poude não só concorrer, mas competir com os productos alheios, em proximamente metade das 43 classes em que se subdividiam os oito grupos da exposição, deixando em quasi todas ellas assignalada a valia dos seus productos, desde a simples menção honrosa, com muitos outros expositores compartilhada, até ao excepcional diploma de honra, que o jury lhe conferiu, como synthese do seu merecimento absoluto!

De grandes alegrias intimas devia ser para o sr. Margiochi o dia em que elle, que não menospresa, mas não ambiciona veneras, das que a cornocopia ministerial derrama a flux sobre os seus agentes eleitoraes, as viu chover, sem as requerer, do seu fatidico Monte das Flores, abençoado torrão, de que a vontade intelligente do seu proprietario fez brotar as riquezas naturaes, que são os auxiliares das industrias, e o mais solido esteio do bem-estar das nações.

A *Installação Margiochi*, na exposição agricola de Lisboa, não foi um simples facto isolado, sem pensamento, sem alcance, destinado a exhibir este ou aquelle producto, e a desapparecer em seguida sem deixar nenhuma impressão séria gravada na memoria do visitante.

Pelo contrario. O sr. Margiochi desejou, e quiz que a sua exposição fosse, desculpem-nos a expressão, um pequeno curso de agricultura pratica. Methodico no plano da sua exposição, e só assim lograria obter o premio de honra entre os demais concorrentes, é o proprio laureado expositor quem confessa qne foi seu proposito *satisfazer as exigencias do programma official*, desde o elemento primordial de toda a cultura, o solo, até aos typos das edificações adoptadas na sua exploração agricola.

Sabemos que não basta só o talento, nem a boa vontade, para operar estes milagres de iniciativa particular: mas bem haja quem, em circumstancias de os poder realisar, se não esquiva a demonstrar como o homem pode, guiado pela sciencia, forçar a terra a desobrigar-se dos cuidados que mereceu á mão beneficente do cultivador. O espaço de que nos é licito dispor n'este logar, não nos permitte alargar estas considerações geraes, entrando na descripção minuciosa das tres construcções que abrigaram, durante todo o tempo da exposição, os productos expontaneos e cultivados do Monte das Flores. Para dar idea dos escrupulos do expositor, bastará dizer que as construcções de installação Margiochi representavam, guardadas as proporções, os typos das edificações adoptadas pelo expositor nas suas herdades do Alemtejo. Apenas o vão do grande *hangar* de arrecadação de carros, e ferramentas diversas, reproduzia as dimensões exactas do original, de que fôra fiel translado. A estas minucias e cuidados de installação correspondia, como de razão, a mais escrupulosa classificação dos productos expostos.

Não admira, pois, que o jury, de que o interessado se negára a fazer parte, galardoasse os esforços de tão excepcional expositor, não só concedendo-lhe o diploma de honra, como adjudicando-lhe mais quatro premios pecuniarios, oito medalhas de prata e seis de cobre, alem de sete menções honrosas.

Exceptuando dois dos nossos primeiros generos de exportação, o vinho e o azeite, em todos os mais obteve a exposição do sr. Margiochi as mais subidas classificações, a que corresponderam as mais graduadas recompensas concedidas pelo jury da exposição agricola de Lisboa.

Nullas são, no nosso entender, as exposições universaes, ou parciaes, que não orientam cabalmente os mercados com relação ás quantidades, e aos preços dos generos expostos.

A exposição de um producto, qualquer que elle seja, sem possibilidade de poder satisfazer a mais modesta exigencia do consumidor, lisongeará, talvez, a vaidade pueril do expositor, mas não poderá ser contada como elemento regular de estatistica agricola, e por consequencia de riqueza nacional.

Para que a nomenclatura dos productos expostos pelo sr. Margiochi, em 27, das 43 classes em que se subdividia a exposição agricola, não parecesse uma esteril ostentação de simples amostras, teve cuidado o expositor de publicar o catalogo completo dos generos das suas propriedades, com a designação exacta da sua producção annual, e respectivos preços correntes nos mercados do paiz.

Ao terminar esta já longa escripta, diremos que raras vezes se logra alliar tão intimamente o util com o agradavel, como o sr. Francisco Simões Margiochi conseguiu fazel-o na exposição agricola de Lisboa, contribuindo para o esplendor da mais prestante das nossas industrias, e recebendo em troca o maximo galardão de que podia dispor um jury illustrado e imparcial.

L. A. Palmeirim.

JOÃO AUGUSTO DA GRAÇA BARRETO

Datavam de sete para oito annos as nossas relações, mas apezar d'isso não podiam ser mais intimas.

Não nos tinhamos conhecido na infancia; na adolescencia e na mocidade não gastáramos juntos os bancos das aulas, haviamo-nos porém encontrado na idade madura em outra aula mais severa, e em que cada um é professor de si mesmo — os archivos, as bibliothecas.

Estavamos um dia na Torre do Tombo entregue ás nossas habituaes pesquizas, quando vimos andar tambem em buscas um homem, que parecia ainda moço, apezar da farta messe de cans que lhe ondeava na cabeça, e que apresentava o aspecto de grande robustez. Pouco depois passando pela mesa, d'onde elle se havia levantado, vimos um bello volume, sobre o qual deitámos os olhos, e reconhecemos as obras do celebre poeta italiano Leopardi.

Naturalmente indagámos quem era aquelle cavalheiro, e nos disseram ser Graça Barreto. Soubemos depois que elle fizera egual pergunta a nosso respeito, ficando n'esse mesmo dia inteirados do que um e outro iamos alli fazer.

Quinze dias depois estavam as nossas relações estabelecidas, e tão fundas raizes lançaram que em breve a maior intimidade se havia estabelecido entre nós.

Coisa singular porém: eu julgára Graça Barreto mais velho do que era, elle julgára-me muito mais moço do que eu sou.

Tinha elle então 32 a 33 annos, mas parecia ter mais dez.

D'alli em deante, e durante cerca de oito annos era rara a semana que nos não viamos, e quantas vezes muitos e muitos dias a fio Eramos d'alli em diante como dois irmãos d'armas. Communicavamo-nos mutuamente os nossos achados, os nossos descobrimentos n'aquelles continentes ainda tão mal explorados, e para atravessar os quaes falta a decisão, a coragem á maior parte da gente.

Quantas vezes em sua casa ou na minha nos reuniamos para estudar, discutir, deslindar um ponto intrincado, e em que o seu ou o meu discernimento hesitava; quantas vezes nos acompanhamos um ao outro durante horas, para não interromper um estudo, a resolução de uma duvida, de um successo que haviamos começado a discutir em outra parte, e que a qualquer dos dois interessava.

Era curioso ver como aquelle homem de forte pensar, intelligencia culta, talento vivo e finura perspicaz, vinha consultar quem não tinha essas qualidades, quando o seu espirito duvidava, ou o ponto era de difficil ou contestada interpretação artistica, litteraria ou archeologica.

Coração ninguem o tinha melhor, alma era pura e elevada, honesto e honrado, nem como homem, nem como funccionario, nem como escriptor era susceptivel da mais leve prevaricação.

Pezando os factos que tratava com a lealdade de um mestre de balança, que peza ouro, sómente se lhe percebia certa agrura, quando via outros estragarem os assumptos por mal averiguados e estudados, ou quando elles sahiam da orbita que o dever e a consciencia prescreve ao homem de bem.

Ai! d'aquelle que faltava para com elle á lizura de caracter e de proceder, que elle usava para com todos, nunca mais a sua mão se estendia para esse, nunca mais as suas falas se cruzavam com as d'elle.

Mas como a perfeição é impossivel aos seres humanos, Graça Barreto tinha defeitos. Como trabalhador o seu defeito era lançar-se a muitos assumptos ao mesmo tempo, com o que prejudicava o andamento e conclusão de uns, pelos cuidados que lhe reclamavam outros, resultando d'ahi ficarem quasi todos incompletos, nas mãos de homem que tinha cabedal de saber, de intelligencia, e de documentos para levar a cabo obras ainda mais importantes.

Outro defeito era uma certa irritabilidade e nervosismo que o acommettia, quando via outros errarem um ponto que elle tinha elucidado, ou promettia elucidar, ou quando o feriam na justiça que lhe era devida. Estamos persuadido que a doença latente entrava por metade n'este caso.

Simples como uma creança, modesto como um principiante, admirador dos trabalhos dos outros, julgando sempre insufficientes os seus, era quasi impossivel domal-o, convencel-o e demovel-o, quando, julgando-se offendido, lançava ao papel as considerações do seu legitimo desforço.

Nos ultimos tempos, quando a saude já estava muito alterada, foi este talvez um dos motivos que mais a prejudicaram.

Encarregado de trabalhos importantissimos, como o da publicação *Bullarium*, e da historia da Egreja da Abyssinia, julgou que lhe era preciso ir visitar os outros archivos do paiz, e em 1882 partiu em companhia de sua santa e inimitavel esposa para o norte e visitou Braga, Porto e Coimbra. Emquanto aquella gosava das bellezas naturaes que alardea aquelle jardim de Portugal, elle encerrava-se nas bibliothecas d'essas cidades a encelleirar e descobrir riquezas archeologicas.

No anno seguinte foi a Evora e na opulenta livraria d'aquella cidade encontrou pasto á sua fome insaciavel de pesquizas, e travou relações com a nobre viuva do illustre Cunha Rivara, a qual generosamente lhe prestou não só livros, mas trabalhos ou apontamentos manuscriptos que ainda por ventura ficaram de seu infatigavel marido, afim de Graça Barreto poder continuar o que aquelle deixára interrompido.

Voltou a Evora nos annos seguintes e projectava continuar estas excursões pela abundancia de subsidios para os diversos trabalhos historicos que emprehendia; e quando regressava d'essas visitas, voltava um pouco remoçado, e sempre nos communicava, com vivo prazer, os achados e descobrimentos que fizera no campo das pesquizas archeologicas.

Desde a sua mais tenra mocidade, uma causa

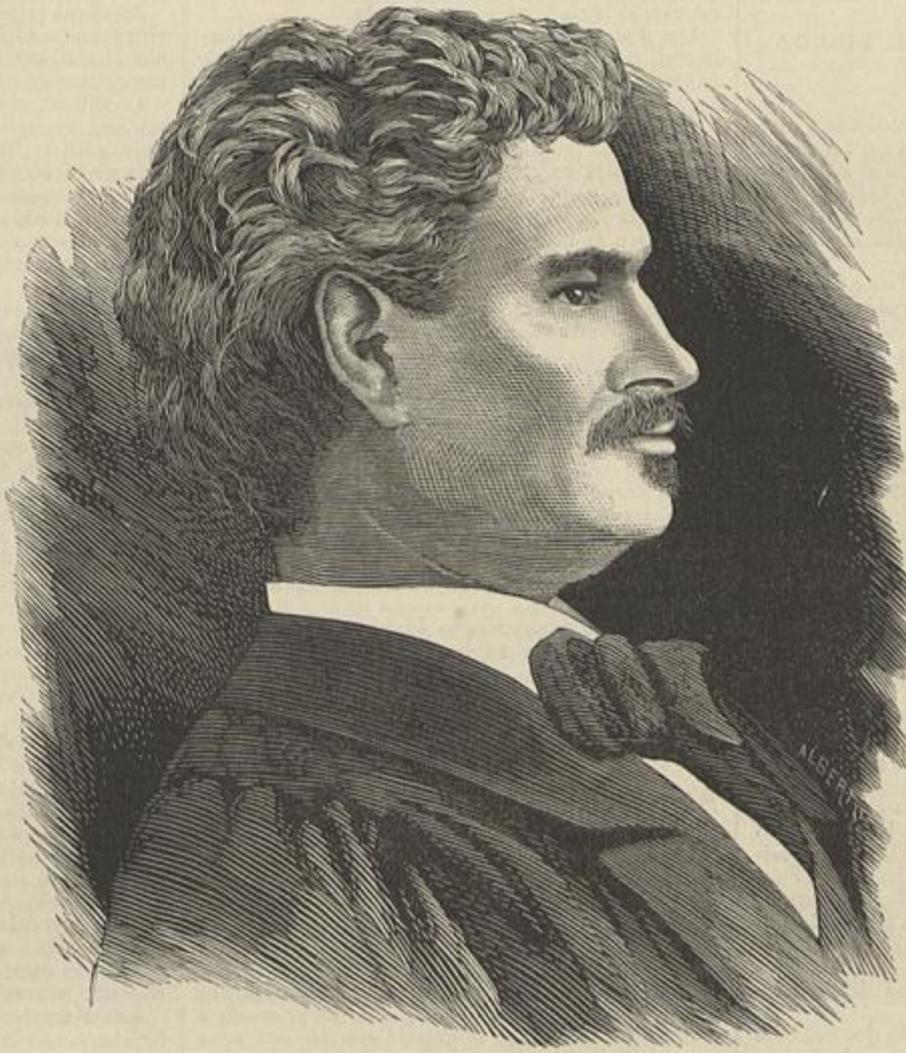
EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA — SESSÃO SOLEMNE PARA DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS AOS EXPOSITORES, REALISADA NO PALACIO DA EXPOSIÇÃO, EM 31 DE MAIO DE 1885

(Desenho do natural por J. Christino)

morbida qualquer lhe determinára uns symptomas de dyspepsia com vomitos que de tempos a tempos o incommodavam. Foi-se porém o homem desenvolvendo, estudando e trabalhando, e sempre de vez em quando aquelle symptoma apparecia.

Ha alguns annos repetia-se com mais frequencia, mas da sua primeira excursão recolhera muito melhorado.

Ha quasi dois annos, porém, a doença começára a manifestar-se com um caracter mais grave. Os symptomas da diabetis haviam sido reconhecidos, e com quanto desde logo fossem os seus progressos combatidos pelo habil medico, seu e nosso amigo, o sr. Barros da Fonseca, comtudo parece que já a esse tempo os orgãos respiratorios começavam a ser invadidos pelo fatal morbus.

Ha de haver cerca d'um anno, que um dia veio sentar-se ao pé de nós, na Torre do Tombo, e depois de acabar de conferir comnosco um documento importante, entrou a lamentar o seu estado de saude; debalde o tentámos animar, não só com o proprio exemplo da doença gravissima de que haviamos escapado, sem o medico o esperar, mas até chasqueando e mettendo como que a ridiculo os seus receios pueris; debalde: as lagrimas corriam-lhe em fio, via-se quasi impossibilitado de trabalhar, com tantas obras projectadas, que ficariam interrompidas, e com a lembrança de deixar só a esposa, a quem tanto queria, e isto quando ainda não contava 40 annos, e estava no periodo do seu maior desenvolvimento. Fingimos rir d'esses receios, mas deixou-nos esta revelação, cortada de abraços e de lagrimas, fundamente impressionados.

João Augusto da Graça Barreto — Fallecido em 3 de maio de 1885
(Segundo uma photographia de Fonseca)

Instámos e reinstámos com elle trezentas vezes para que, seguindo o conselho de um medico seu amigo, sahisse de Lisboa; sempre nos respondia com evasivas.

Emfim, a doença foi progredindo, depois cedeu ao tratamento, a ponto de que a glycosuria havia desapparecido, mas outros symptomas se foram revelando, a tosse, a hemoptyse appareceu, que elle encobriu a primeira vez á pobre esposa; repetiu-se e começou um enfraquecimento geral; a cabeça estava completamente branca, as faces encovadas, os pés arrastavam, e comtudo a febre do trabalho que o havia accommettido não o abandonava, e elle vinha á imprensa, ás bibliothecas, á Torre do Tombo, já quasi sem poder, a conferir, a averiguar, a escrever.

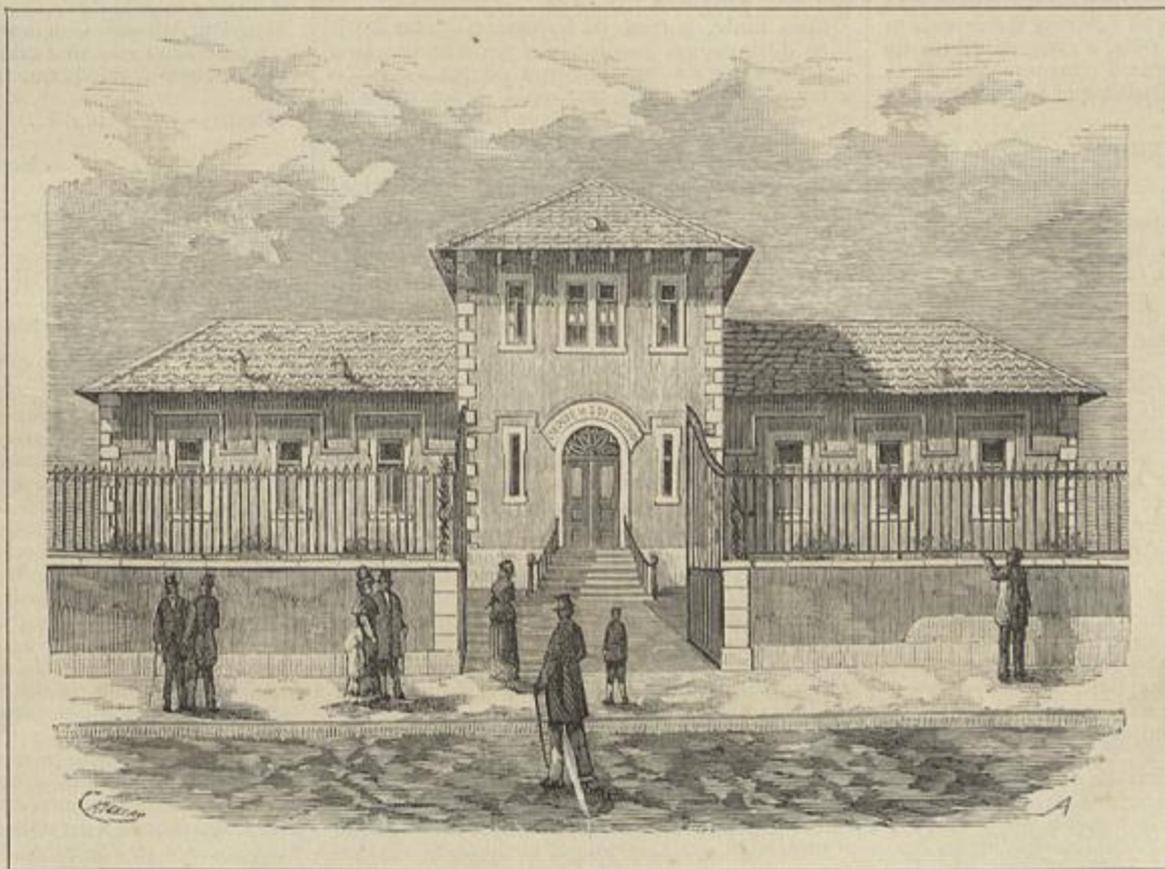
Motivos de serviço publico nos desviaram de Lisboa por algum tempo, e quando voltamos soubemos que infelizmente a doença se lhe aggravára de dia para dia e durante trez mezes o foi minando, minando, em agonia lenta, horrorosa, cruel, que o anjo do lar, a esposa idolatrada, lacerada no mais intimo d'alma, suavisava com os mais dedicados carinhos, se é possivel suavisar-se tamanho soffrimento.

A ultima noite foi horrivel, tomou-o o delirio; aos pés da cama via os seus livros, pedia-os, queria consultal-os, e a mão, em posição de segurar na penna, percorria pelo lençol em acção de escrever, denunciando a idéa dominante d'aquella existencia a extinguir-se!

Que pensamento formaria aquelle cerebro nos ultimos instantes? que idéas se agitariam ainda n'aquella imaginação, que não cessava de trabalhar e de pensar? Diremos com Lamartine:

... taisons-nous... la tombe est le sceau du mystère!

Ás 11 horas da noite de 3 de maio ultimo deixára de existir aquelle espirito vigoroso, aquelle infatigavel trabalhador.

(Continua) *Brito Rebello.*

Créche de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada no dia 18 de maio de 1885 (Desenho do natural por Cazellas)

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Distribuição de premios

No 7.º volume do Occidente, antecedente a este, publicámos varias gravuras e artigos concernentes á exposição agricola que se realisou o anno passado na real tapada da Ajuda, e por essa occasião se fez notar a grande importancia d'este certamen e a sua influencia nos progressos agricolas de Portugal.

Como complemento á chronica d'este facto importante, tanto mais quanto pouco vulgar na nossa vida um tanto apathica e ainda extranha a estes concursos do trabalho, publicamos hoje a gravura representando a distribuição dos premios aos expositores que os mereceram, a qual se verificou no recinto central do palacio da exposição, vistosamente adornado de plantas, bandeiras e escudos elegantemente dispostos, e com a assistencia da familia real, corpo diplomatico, deputados, ministerio, altos funccionarios e grande numero de convidados, o que tudo constituia um auditorio numeroso, onde se contavam muitas senhoras vestidas elegantemente, animando a festa com a sua presença.

A commissão promotora da exposição tinha convidado todos os expositores a assistirem a este acto solemne e a inscreverem-se os que tinham a receber premios.

Para esse fim reuniu no palacio da exposição pelas 11 horas do dia 31 de maio ultimo, e alli principiou a inscripção dos expositores premiados, a qual não poude ir alem dos de Lisboa, porque ás 2 horas chegou a familia real e deu-se começo á sessão solemne, que principiou pela leitura de um breve discurso do sr. Estevão de Oliveira, presidente da commissão executiva, agradecendo a Suas Magestades a cooperação nos trabalhos da exposição, muito especialmente a el-rei D. Fernando. El-rei D. Luiz respondeu que se congratulava pelos bellos resultados obtidos n'aquelle certamen, dos quaes muito havia a esperar para o desenvolvimento da riqueza agricola.

Em seguida passou-se á distribuição dos premios aos expositores, que eram chamados pela ordem da inscripção, terminando esta cerimonia pelas 4 horas e meia da tarde.

Durante a sessão solemne tocaram varias peças de musica a banda da guarda municipal, collocada na ala direita do palacio; a musica dos alumnos da Granja, postada á entrada do corpo central, e a banda de caçadores 2, no coreto do jardim.

Assim, viu a digna commissão promotora d'esta exposição coroado do melhor resultado o seu incansavel trabalho em organisar este importante concurso agricola e em vencer as grandes difficuldades que se lhe oppozeram na sua carreira victoriosa.

Aquelle palacio, que fica de pé, é um documento valioso e uma recordação honrosa da exposição agricola de Lisboa de 1884, e estamos certos de que não será este o ultimo concurso que alli se realise das nossas industrias, que tanto precisam vulgarisarem-se.

CRECHE
DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

É assombroso o movimento da beneficencia publica em todas as suas variadas manifestações, que n'estes ultimos tempos se tem desenvolvido em Lisboa, no sentido de providenciar e soccorrer quanto possivel sobre a miseria que necessariamente se accumula n'uma grande capital como a nossa.

Hontem as escolas asylos para as creanças desvalidas; hoje as creches para os filhos dos que precisam dar todas as horas do dia ao trabalho para ganharem os meios de uma subsistencia parca e mesquinha; ámanhã os asylos para a velhice e para os veteranos d'este grande exercito do trabalho, que não tem reformas e que só depõem as armas quando o malho lhe cae das mãos extenuadas e sem forças.

E n'este lidar incessante pelo bem, prevenindo e remediando o mal inevitavel, fatal, empenham-se todos os válidos, todos que podem dispôr de contos de réis ou de simples reaes, estirpando esse cancro horrivel que se implante nas sociedades— a miseria, evitando que elle estenda as suas raizes absorventes e esterelisadoras de toda a vida que não seja a sua propria.

É por isso que em cada dia se levantam novas instituições de beneficencia e se já se não erguem com a mesma frequencia templos sumptuosos á divindade, erigem-se esses modestos edificios que se chamam escolas, asylos, creches, que tambem são pequenos templos consagrados a Deus na sua expressão mais pura — a Caridade.

Um d'esses pequenos adificios foi o que se inaugurou, no dia 18 de maio findo, nos terrenos cedidos pelo governo e que pertenceram á cerca do convento da Esperança.

É uma elegante creche, como se póde ver da estampa que publicamos a pag. 133 que tem todas as condições exigidas por esta ordem de estabelecimentos e que póde accommodar cem creanças, onde lhe não faltam, o alimento apropriado, o aceio e as distracções tendentes a incutir nas creanças habitos bons para o corpo e para o espirito.

Assistiram ao acto de inauguração Suas Magestades e Altezas que foram recebidas pela direcção da Associação das Creches.

O reverendo parocho da freguezia de Santos-o-Velho procedeu á benção do edificio e o sr. conde de Sabugosa pronunciou um pequeno discurso referente ao acto.

Este pequeno edificio é já um dos fructos d'essa grande festa a que Lisboa concorreu ha um anno, na Tapada da Ajuda, a primeira kermesse que se realisou em Portugal por iniciativa de Sua Magestade a Rainha e que encontrou o maior apoio em toda a população do reino que alli foi depositar o seu obulo.

No dia da inauguração já a creche tinha 72 creanças e todo o serviço corria na melhor ordem, mostrando-se muito satisfeitos os visitantes que em grande numero alli concorreram.

Atheneu Commercial do Porto

Quando ha dezeseis annos se congregaram n'esta cidade alguns empregados de commercio para constituirem uma sociedade simplesmente recreativa, mal se julgaria a importancia que essa agremiação viria a adquirir, pela feição illustrativa e educadora com que veio a engrandecer-se.

Não conhecemos no paiz instituição de natureza identica, que melhores serviços tenha prestado á classe que constitue o grande nucleo dos seus agremiados, nem que mais dignamente haja comprehendido o alcance d'estes grupos collectivos sob o ponto de vista da morigeração e do ensino.

O Atheneu Commercial do Porto, fundado em 29 de agosto de 1869 com o titulo de Sociedade Nova Euterpe, inaugurou-se em 3 de outubro do mesmo anno, solemnisando logo em 12 de dezembro seguinte, a abertura do seu gabinete de leitura, com 327 volumes.

Ficavam por este modo como que preenchidas as aspirações limitadas dos que se tinham unido no pensamento já de si louvavel, de se entregarem nos dias santificados a recreações honestas e simples, que desviassem a mocidade de passatempos mais perigosos e nocivos

Mais tarde, porém, os horisontes d'esse instituto dilatavam-se por modo a garantir aos seus agremiados mais alguma cousa do que a dança e a leitura, sendo assim que em 3 de setembro de 1876 se estabelecia uma Escola Commercial com leccionação de portuguez, contabilidade, geographia commercial e lingua franceza.

Estava dado o primeiro passo para a nova orientação altamente fructuosa da Sociedade, que deixava desde esse momento de ser uma instituição meramente de recreio, para se transformar em um gremio instructivo de que os seus membros deviam colher os mais proficuos resultados.

Em 1877, isto é, logo no anno seguinte, organisava e promovia sessões de leitura, e em 1879 lançava as primeiras bases de um museu commercial.

E assim foi, que de melhoramento em melhoramento, a Sociedade Euterpe, augmentando de consideração e de importancia, attingiu o grau de prosperidade em que actualmente se encontra.

Hoje o numero dos seus socios é de 800, a sua bibliotheca encerra 10.000 volumes, muitos d'elles de publicações valiosas sobre todos os ramos do saber, e o seu museu commercial contém já uma numerosa série de productos, que augmenta de dia para dia com remessas que o tornarão dentro de poucos annos, um dos mais interessantes e preciosos do paiz, como collecção particular.

De ha muito pensava esta Sociedade em possuir um edificio proprio, tendo para isso creado em 5 de abril de 1874 um fundo de reserva, mas a tentativa era demasiado arrojada para que podesse ter desde logo uma solução pratica.

Felizmente a boa vontade e a dedicação de um grupo de socios, poz termo a todos os embaraços que se oppunham á realisação d'esse pensamento, promovendo um emprestimo de 30:000$000 dividido em obrigações de 10$000 réis, que foram tomadas pelos associados.

As obras principiaram em 3 de maio de 1882, por empreitada adjudicada ao engenheiro o sr. Antonio Maria Kopke de Carvalho, ficando concluidas em agosto de 1884.

O edificio, comprehendendo os terrenos, importou em 37:500$000 réis, sendo o projecto elaborado pelo sr. Joaquim Vaz de Lima, desenhador da repartição districtal de obras publicas.

Com a mudança para este edificio, a Sociedade tomou o titulo de Atheneu Commercial do Porto, realisando-se a inauguração solemne no dia 31 de maio ultimo, com uma sessão litteraria e um sarau musical.

O palacete, situado na rua Passos Manuel, tem proporções desenvolvidas, e interiormente acha-se mobilado e disposto com aceio e conforto irreprehensiveis.

Possue salão de baile, gabinete de leitura, galerias de bibliotheca e do museu, secretaria, salas de bilhar e de outros jogos licitos, *restaurant*, etc.

O Atheneu Commercial tem, depois de tudo isto, assignalado a sua existencia por actos patrioticos e humanitarios que ennobrecem sobremodo as paginas dos seus annaes.

Assim, em 1871 realisou um baile de costumes em beneficio dos infelizes expedicionarios da Zambezia, que produziu 200$000 réis.

Em 10 de fevereiro de 1872 promoveu um beneficio em favor do Asylo de Mendicidade do Porto e de um seu consocio em carencia de meios.

Em 14 de fevereiro de 1874, effectuou outro beneficio para o Hospital de D. Luiz I, da Regoa, produzindo 150$000 réis.

Em 1876 abriu uma subscripção para as victimas das inundações que houve no reino, a qual rendeu 204$450 réis.

Em 1878 promoveu outra subscripção em favor dos operarios sem trabalho, produzindo 133$700.

Em 15 de janeiro de 1881, finalmente, realisou mais outra subscripção para o monumento a Alexandre Herculano, e que produziu a quantia de 108$300 réis.

A estas datas benemeritas reunem-se ainda outras não menos gloriosas para o Atheneu.

Em 2 de dezembro de 1877, commemorando o 8.º anniversario da bibliotheca, inaugurou em sessão solemne o busto de Alexandre Herculano.

Em 1879 recebeu a visita dos exploradores portuguezes, os srs. Brito Capello e Roberto Ivens, cujos retratos inaugurou em 25 de janeiro de 1880.

Em 7 de novembro de 1880, promoveu uma sessão em honra de Camões, inaugurando por essa occasião o retrato do seu socio honorario o sr. José Joaquim Rodrigues de Freitas.

Em 10 de junho de 1882, promoveu uma interessante exposição Camoneana nas salas da sua bibliotheca.

Para a prosperidade e lustre d'este gremio prestantissimo tem concorrido o zelo inexcedivel e a illustração comprovada dos cavalheiros que teem composto as suas direcções.

Hoje o Atheneu Commercial é uma instituição que faz honra não só á classe que lhe deu incremento, como á cidade que a possue.

Porto — junho de 1885.

Manoel M. Rodrigues.

D. LUIZA DE GUSMÃO

(Estudo historico)

(Concluido do n.º 231)

No papel que D. Luiza de Gusmão escreveu quando quiz deixar o governo do reino, e que o auctor da *Historia Genealogica* affirma ter existido na livraria do duque de Cadaval, encontra-se a mais cabal demonstração de quanto o espirito da pobre senhora andava longe das arrogancias varonis com que se tem pretendido deturpar as feições essencialmente femininas de seu caracter. Depois de um breve exordio em que D. Luiza de Gusmão declara que são grandes as incertezas da sua vida e não menor o desejo de salvar-se, continua: «*Eu vivo uma vida penosissima por que se o reino é uma monstruosidade por ter duas cabeças eu quero a justiça e seguir a razão, e el-rei ou não a conhece ou não lh'a deixam seguir, e assim, ainda que sou eu quem governo, é elle que faz tudo quanto quer.*» Feita esta declaração sincera da sua impotencia como regente, a rainha accrescenta que deseja recolher-se a um convento, não como freira, porque *cinco ou seis annos de escravidão lhe tira-*

ram as forças mesmo para administrar o que é seu mas apenas como recolhida. Suspeitando, mas não affirmando, que o filho venha a querer escrever-lhe, quer por *cortesia* indicar-lhe o convento a que tenciona recolher-se, sendo o seu desejo escolher o de Carnide, a que obsta viver lá reclusa a infanta D. Maria (a filha bastarda de D. João IV) *não por que eu não possa viver onde ella vive, porque isso me não molestaria mas porque quero esquivar-me a todo o tracto e communicação com as pessoas, e estando juntas, não póde deixar de haver contemporisação entre nós duas.*

Posto de parte o convento de Carnide, a profuga das suppostas grandezas do mundo pensa escolher para seu asylo o convento dos Carmelitas de S. Alberto, mas, *achava o demasiado acanhado para quem sae de viver emparedada, e procura um retiro onde passar o resto da vida, e que por isso carece ser desafogado, ameno e d'onde se logre vista do mar.* Accode ainda á rainha escolher o convento ao Bomsuccesso, mas acha-lhe o inconveniente de estar á bocca da barra, e no caso de guerra ser o primeiro que as freiras devem evacuar. No meio de todas estas incertezas, e não querendo saír de Lisboa e não encontrando nas provincias convento adquado ao seu intento, D. Luiza de Gusmão deixa em suspenso a sua resolução, apezar de a declarar irrevogavel, e denunciando a falsidade dos cortezãos que a intrigam com o filho, accrescenta: *por estas mesmas falsidades tenho eu razão para receiar me digam que me vá embora, e para me ir mandada, melhor será ir-me antes por vontade propria.* Em seguida á manifestação d'este receio, e alludindo aos que lhe aconselham que não largue a regencia por ser util á conservação do reino, pondera em amarga ironia: *que a esses responde que se a todos ha de matar o trabalho com todos está disposta a morrer; mas se ella só ha de viver morrendo, para que elles vivam, não o quer fazer, e então que busquem remedio em Deus Nosso Senhor.* O papel a que tão largamente nos temos referido como irrefutavel demonstração da nossa these de que D. Luiza de Gusmão foi muito mais mulher do que heroina, termina por essas palavras repassadas de bom senso, e como vindas de pessoa que conhecia a fundo as artimanhas das côrtes: *«que pusera por escripto as suas intenções para que lhe aconselhem o modo porque devia abandonar a regencia; pensando que se o fizesse secretamente pareceria que fugia, e se publicamente se despedisse, daria ares de quem queria lh'o estorvassem, não faltando quem o fizesse, julgando que assim a lisongiaria.»*

Ainda que de D. Luiza de Gusmão não restasse mais do que este unico papel, d'elle se conclue á evidencia que a filha dos duques de Medina Sidonia em má hora trocára o remanso dos paços ducaes pela corôa de espinhos da realeza, desde que em 1640 a assentára na cabeça, até que se finára abandonada por aquelles a quem dera o ser, e que de tudo curavam menos de lhe suavisar as ultimas horas de passamento.

Em um folheto intitulado: *Ultimas acções da Serenissima Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão,* attribuido a Frei Manuel da Conceição e publicado em 1666, encontra-se fiel e minuciosa narrativa da doença e ultimos momentos d'aquella infeliz senhora e como commentario ao seu isolamento na hora suprema, este significativo periodo, que confirma tudo quanto temos exposto ácerca da rainha e de seus desnaturados filhos:

«Estava n'este tempo sua magestade (el-rei D. Affonso VI) e o senhor infante em Salvaterra, e como o amor, á imitação da luz do fogo a que se assemelha, se esforça a luzir mais quanto tem menos duração; assim a rainha Nossa Senhora entre as ancias da morte, mais que nunca mostrou o seu amor de mãe, e sentindo que sendo-o, *morria como se não tivesse filhos; com aquella magoa que póde causar no coração o amor materno, para todos mandou escrever pelo secretario as cartas seguintes, que logo se lhes enviaram por um proprio.»*

As cartas são tres: uma para el-rei D. Affonso VI, outra para o infante D. Pedro, a terceira e ultima para sua filha D. Catharina, rainha de Inglaterra.

A primeira d'ellas termina d'este modo: *«Só a minha benção vos deixo, porque só esta tenho que deixar-vos, advertindo que me não ha de Deus pedir conta de não tratar sempre Vossa Magestade como filho.»*

Nota-se n'estas cartas a nenhuma preoccupação da rainha ácerca dos negocios publicos do reino; antes sim o despedaçar-se de uma alma que não queria largar o involucro terrestre sem deixar bem explicitos os seus cuidados de mãe, affirmando que nunca deixára de tratar como filho a D. Affonso, que tão ruim paga lhe dera da sua sollicitude.

Crêmos haver, aproximando documentos embora conhecidos, mas destacando-os do quadro geral da historia, provado que D. Luiza de Gusmão nem como duqueza, nem como rainha, nem como regente do reino, dera nunca provas de uma capacidade politica além da vulgar; deixando aliás de si testemunhos irrefragaveis da doçura do seu caracter, da sua dignidade de esposa, e do seu amor de mãe extremosissima, e d'este ultimo affecto vivendo e morrendo, alheia a todas as demais ambições.

Se o dito que se lhe attribue *antes rainha uma hora, do que duqueza toda a vida,* fosse verdadeiro, tel-o-ia expiado a altiva Castelhana no desconsolo e no desamparo dos ultimos annos da sua vida, tão cortada de dolorosos incidentes, e de imprevistas peripecias

L. A. Palmeirim.

Um desenho inedito de Nogueira da Silva

(Concluido do n.º 230)

V

Nogueira da Silva entrava no periodo da sua decadencia permatura, alquebrado pela doença que o havia de depôr no tumulo d'alli a dois annos. O seu rival havia de o anteceder na eterna partida. Assim acabaria a emolação d'aquelles dois espiritos ainda novos, devotados á arte, e vencidos pela morte, justamente na hora em que mais principiavam a brilhar.

Os ultimos desenhos de Nogueira da Silva, veem-se nas ultimas paginas, tambem, do *Archivo Pittoresco.*

Nogueira da Silva morreu para o mundo e para a arte a 13 de março de 1868, quando ainda não tinha completado 38 annos de edade, pois nascera em Lisboa, na freguezia das Mercês, a 26 de setembro de 1830.

A sua individualidade de artista ficou bem fixada nas obras a que já nos referimos, mas muito especialmente nas paginas do *Archivo Pittoresco,* que elle pôz a par das de identicas publicações que por esses tempos se faziam no extrangeiro.

Os seus trabalhos determinam uma epocha na arte de gravura em madeira, em Portugal.

Depois do artista resta-nos dizer ainda alguma coisa do jornalista e do apostolo da associação, onde a sua passagem não foi das menos ruidosas, ainda que, depois da morte do ensigne artista se tenha guardado o maior silencio sobre este ponto.

Não seremos nós que, n'este rapido bosquejo, vamos analysar o jornalista, ou destiar a emmaranhada meada de luctas e ambições, que n'uma determinada epocha envolveu as associações em Portugal, lucta e ambições em que Nogueira da Silva tomou uma parte muito activa, com o seu genio indomavel e com as suas idéas avançadas.

Na imprensa citaremos alguns dos seus artigos litterarios, publicados no *Archivo Pittoresco* de que tambem foi por algum tempo redactor, e em alguns jornaes politicos da opposição — porque Nogueira da Silva estava sempre na opposição.

A Associação teve em Nogueira da Silva um dos seus maiores defensores, quer com a palavra, quer com a penna, e com esta collaborou elle brilhantemente n'um semanario que se publicou desde 1856 a 1866, intitulado *A Federação.*

Este hebdomadario cujo 1.º numero sahiu á luz em 29 de outubro de 1856 e o ultimo, com que concluiu o decimo volume, em 13 de janeiro de 1866, foi uma publicação verdadeiramente apreciavel pela humbridade e sensatez com que cumpriu o seu programma de promover o aperfeiçoamento artistico e moral da classe industrial, á qual era especialmente dedicado.

E já que o nosso bom amigo o sr. José Antonio Dias nos soccorreu com alguns esclarecimentos sobre *A Federação,* o que muito lhe agradecemos, isso nos permitte dar mais alguma noticia sobre este semanario, onde Nogueira da Silva escreveu os seus melhores artigos.

A Federação foi fundada por 41 subscriptores que foram ao mesmo tempo accionistas de umas modestas acções de 1:000 réis que se emittiram pagas em prestações de 200 réis. Cada numero da *Federação* custava 20 réis e era distribuido todos os sabbados nas officinas, onde era esperado com anciedade e lido com interesse. Primando pela cordura e bom senso, os seus artigos por vezes elevados e sempre doutrinarios, faziam uma propaganda benefica e salutar nos centros do trabalho, ao mesmo tempo que derramavam a instrucção artistica emanada das fontes do progresso, que no extrangeiro aperfeiçoava diariamente o trabalho do homem.

A direcção d'este periodico era composta dos seus subscriptores os srs: Antonio Joaquim d'Oliveira, Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa, José Antonio Dias, José Mauricio Velloso e José Caetano Tavares que foi substituido por sua morte pelo sr. Joaquim Bento da Silva Azevedo.

A *Federação* foi, no seu genero, o periodico que logrou uma existencia mais longa e que melhor preencheu o fim a que se destinou.

Nas suas paginas veem-se muitos artigos de Nogueira da Silva; entre os mais notaveis encontramos o seguinte periodo de um artigo a respeito da federação das associações:

«Dividir, diz Nogueira da Silva, é a theoria e a pratica de quem quer dominar. Unir é a theoria e a pratica de quem quer amar. Dominar é crear e desenvolver os interesses exclusivos e individuaes. Amar é crear e desenvolver os interesses geraes e communs.»

«Ir successivamente approximando a sociedade da associação geral é a unica maneira de andar em harmonia com a expressão e indole da grande idéa e seu fim.»

Ha ainda hoje, em Lisboa, uma associação que tem prestado grandes serviços á instrucção popular e se denomina *Civilisação Popular,* que foi fundada por Nogueira da Silva com o titulo de *Futuro Social.* Este titulo durou a vida das rosas, porque um caso singular veiu atrophial-o á nascença.

Era por 1860 e a questão iberica estava na tela, como o tem estado por varias vezes para entretenimento dos espiritos. Nogueira da Silva ao installar a sua associação queria-lhe dar toda a importancia e todo o brilho de que o seu espirito era capaz, e para principiar annunciou a discussão de uma these: «Se a união iberica conviria a Portugal».

Foi uma bomba que estourou em plena Lisboa, e para que o escandalo fosse ainda maior, o annuncio veiu no proprio *Diario do Governo.*

As camaras estavam abertas e um membro da opposição, o sr. D. Antonio Alves Martins, depois bispo de Vizeu, levantou-se indignado, com o *Diario do Governo* em punho, a interpellar o governo, que assim deixava publicar nas paginas da folha official, annuncios d'aquella natureza e permittia que se discutisse publicamente uma questão tão melindrosa, attentatoria da autonomia da patria.

O resultado d'isto foi o governo mandar fechar as portas do *Futuro Social,* e os fundadores que acompanhavam Nogueira da Silva, accordaram em mudar o titulo para o de *Civilisação Popular.*

Poderiamos ainda citar mais alguns factos demonstrativos da importancia e influencia que Nogueira da Silva teve na vida das associações, mas não queremos alargar mais este estudo.

Temos de alguma fórma dado idéa do valor do nosso biographado, e tanto basta para que o possam avaliar aquelles que o não conheciam.

Para nós resta-nos a consolação de prestarmos esta pobre homenagem áquelle que primeiro guiou os passos da nossa carreira artistica e a quem tivemos a honra de chamar mestre.

Caetano Alberto.

RESENHA NOTICIOSA

VASILI-ALEXANDRI. Chegou a Paris e já foi recebido pelo presidente da republica o novo ministro da Rumania, Vasili-Alexandri. Este nome assaz conhecido na Europa, mas pouco no nosso paiz, constitue uma das maiores individualidades litterarias dos tempos modernos, e a primeira da Rumania.

RUSSIA E INGLATERRA. Está addiada a guerra entre estas duas nações. A Russia acceitou, em principio, as propostas da Inglaterra, havendo pequenas duvidas sobre varios pontos da linha de fronteira proposta por esta, o que se resolverá facilmente. Ninguem póde duvidar da grande habilidade com que o sr. Gladstone soube conjurar a tempestade que parecia imminente, e o orgulho dos seus compatriotas, podia fazer rebentar. Agora não só se dá o accordo por quasi concluido, mas até já ha periodicos estrangeiros que falam de uma alliança anglo-russa; se tal virmos, será o cumulo da habilidade e finura britannicas, e de certo não hade ser o imperador Guilherme quem sympathisará com ella.

CONFERENCIA SANITARIA. No dia 20 de maio ultimo foi aberta a conferencia sanitaria em Roma, pelo ministro Mancini o qual fez principalmente notar o caracter humanitario d'aquelle congresso. Na reunião preparatoria, que na vespera haviam tido os delegados italianos, decidiu-se afastar da discussão todas as questões theoricas, e estudar es-

pecialmente as questões praticas relativas aos diversos meios de insular os flagellos. Será tomado como base o questionario da conferencia sanitaria de Vienna. Já haviam chegado delegados de dezesete paizes, e onze eram representados pelos seus agentes diplomaticos. Como se sabe Portugal enviou por seu representante o sr. dr. Sousa Amado, que já tem representado dignamente o paiz em outras conferencias, o qual já começou a dar noticias d'esta.

Artista portuguez premiado no Salon. O sr. José Moreira Rato Junior, discipulo da Academia de Bellas-Artes, de Lisboa, e que ha tempos se acha estudando em Paris, expôz este anno, no *Salon* uma esculptura representando Caim depois de ter morto Abel, a qual mereceu uma menção honrosa. O Occidente já tem publicado a reproducção de algumas esculpturas d'este artista, como foram a estatua de concurso *Um espartano armando-se para o combate* e *Hermengarda*, duas esculpturas muito apreciaveis e que revelaram a grande disposição que o sr. Rato tem para a grande arte.

Monumento. Foi inaugurada no dia 24 de maio ultimo em Villers Cotterets a estatua de Alexandre Dumas. A solemnidade assistiu a filha, proferiram-se alguns discursos, e depois varias philarmonicas e as tropas desfilaram pela frente do monumento. A' noite houve banquete de 150 talheres, havendo durante elle e toda a festividade muita alegria e enthusiasmo. A França vae cumprindo um dos maiores deveres civilisadores: prestar homenagem duradoira aos grandes espiritos que illustraram a nação.

Padroado portuguez. Consta que não obstante todos os esforços tem sido muito disputada a questão dos direitos do padroado portuguez no Oriente, e que a curia romana, não obstante a concordata, se mostra muito disposta contra Portugal. Não sabemos que procedimento tomará o governo; assegura-se que será energico. Basta seguir os exemplos de D. Pedro e D. João V, o fidelissimo. Por mais de seis mezes tem luctado o reverendo bispo de Angola e Congo, que os jornaes disseram ter partido para alli por negocios particulares, e que nós asseguràmos tel-o feito e muito á pressa por causa d'esta grave questão. Diz-se que vem em retirada. Já então dizia o intelligente prelado que o negocio estava muito feio, que fará agora? A tempestade parece porém ter-se serenado um pouco, não só perante a energia do governo portuguez e seus delegados, apoiados na concordata, mas tambem perante a manifestação imponente dos catholicos de varias egrejas do Industão, que não querem outro prelado senão aquelle que o é pelo direito historico e prioridade. Julgamos que a curia terá de recuar no seu insolito procedimento.

Edificio do Atheneu Commercial do Porto, inaugurado em 31 de maio de 1885
(Segundo uma photographia de Emilio Biel & C.ª)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia de Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cesar Machado, David Corazzi, editor, Lisboa. Edição monumental primorosamente illustrada com gravuras e chromos em separado, grande formato. A critica d'esta obra já de ha muito que está feita; é um monumento litterario de que a França se orgulha, e cuja paternidade a Hespanha quiz reivindicar para si. O nosso poeta Bocage encetou uma traducção d'este livro, mas não a concluiu, estava reservado ao nosso primeiro folhetinista Julio Cesar Machado, essa gloria, trasladando para a litteratura portugueza este romance extraordinario que fez a reputação do seu auctor e assignalou uma epocha na litteratura franceza. A edição que ora vae ser publicada pelo sr. David Corazzi é a reproducção da monumental e explendida edição hespanhola que o editor portuguez contratou com o editor hespanhol, e sendo, portanto, em tudo egual á edição hespanhola, tem a grande vantagem de custar muito mais barata que aquella. Temos presente o 1.º fasciculo que se acha publicado como specimen, principiando a publicação regular em 5 do corrente e distribuindo-se de 15 em 15 dias aos fasciculos pelo preço de 200 réis cada um.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, director Fernandes Costa, Henrique Zeferino d'Albuquerque, editor, Lisboa. Fasciculo 76 e 77 que proseguem na publicação simultanea das lettras B e M, alcançando as palavras *Balão* e *Madrid* com dois desenvolvidos artigos illustrados.

Mappa de Portugal, por V. J. C., editores Guillard Aillaud & C.ª, Paris. Este mappa comprehende além do continente de Portugal com todas as linhas ferreas actualmente em exploração e em construcção, as nossas possessões em Africa e na Asia.

Os Pontos nos ÍÍ, *semanario humoristico, illustrado por Bordallo Pinheiro*, gerente A. de Sousa Pinto, Lisboa. Principiou a publicar-se este novo semanario digno continuador do *Antonio Maria* de boa memoria, e em que o inimitavel caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro enche as suas paginas com as scintillações brilhantes da sua veia comica e do seu talento.

O Livro dos Verbos, editor Livraria Portuense de Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, Porto, 1885. É um pequeno folheto destinado a servir de auxiliar ás creanças na conjugação dos verbos. Só a pratica poderá justificar a utilidade d'este livrinho, que apenas custa 80 réis, e que portanto é facil de experimentar.

Elementos para a historia do Municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira, folha 38. É toda prehenchida com diplomas de D. Sebastião desde 1572 até 1576, alguns dos quaes vem transcriptos na integra, sendo de notar as cartas que o monarcha escreve ao municipio participando-lhe primeiro a resolução de ir ao Algarve, para de mais perto ver as coisas de Africa, e depois de se achar em Lagos a resolução de passar a Ceuta. Não é menos curioso e importante o documento pelo qual se permitte o alargamento da egreja do Loreto, derribando-se uma torre da cidade, ficando a irmandade obrigada a entulhar a egreja quando fôr preciso para a defeza da cidade.

Revista scientifica, publicada pela Sociedade *Atheneu* do Porto. N.º 4, de abril de 1885, com varios artigos: do sr. Gomes Teixeira, *Uma nota sobre uma formula;* do sr. Martins da Silva, *Sobre as formulas do sr. Lipschtz*; do sr. Schiappa Monteiro, *Acerca do anglo de uma curva sobre uma recta* (em francez); do sr. Julio de Mattos, *Importancia do caracter na genese das loucuras;* do sr. Pereira Coutinho, *A alfarroba, seu valor como substancia nutritiva e como substancia alcoolisavel;* do sr. Pereira de Sampaio, *O direito de punir.*

Archivo dos Açores, publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Volume VI, numero XXXIV. Ainda ha pouco noticiavamos a publicação dos fasciculos XXXII e XXXIII e já hoje temos deante de nós o presente. É elle prehenchido com varios documentos relativos ao periodo da lucta liberal nos Açores, os quaes pela maior parte, se acham publicados em folhetos ou periodicos, raros hoje, e por isso de difficil consulta. É natural que se publiquem depois outros ineditos, que os deve haver, e virão todos lançar muita luz sobre aquelle intrincado periodo, cuja chronica já dizia Garrett que achava mais enredada que a dos primeiros tempos da monarchia.

Diario de Annuncios, *folha unica em miniatura*, o producto da venda reverte a favor das victimas dos terremotos na Hespanha.— *S. Miguel, Açores.* Domingo 12 d'abril de 1885. É collaborado no todo, ou maxima parte por açorianos.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.